

A pedagogia do olhar e da escuta no aprendizado de palavras, imagens e normas: em uma história de lutas e resistências na EMEF/EJA “Maria Pavanatti Fávaro”

The pedagogy of looking and listening in learning words, images and norms: in a history of struggles and resistances at EMEF/EJA “Maria Pavanatti Fávaro”

Diogo da Silva Roiz¹
Jonas Rafael dos Santos²

Resumo

O objetivo do artigo é estudar a importância do conselho de escola como uma instância fundamental no processo de democratização no “chão da escola”. A escola EMEF/EJA Maria Pavanatti, objeto de análise, está situada na região sudoeste de Campinas, estado de São Paulo. A ocupação do entorno da unidade educacional ocorreu, de fato, a partir do final da década de 1970, em razão do processo de industrialização implementada no município, por meio da criação dos Distritos Industriais de Campinas. Foram utilizados para a pesquisa os projetos políticos pedagógicos da unidade de ensino, Ofício do Gabinete do Prefeito, entrevistas, Atas do Conselho de Escola, artigos de jornais e revistas sobre as atividades desenvolvidas na escola.

Palavras Chaves: Democracia. Lutas. Resistência. escola.

Abstract

The objective of the article is to study the importance of the school council as a fundamental instance in the democratization process in the “school floor”. The EMEF/EJA Maria Pavanatti school, object of analysis, is located in the southwest region of Campinas, state of São Paulo. The occupation of the surroundings of the educational unit took place, in fact, from the end of the 1970s, due to the industrialization process implemented in the municipality, through the creation of the Industrial Districts of Campinas. The pedagogical political projects of the teaching unit, Office of the Mayor's Office, interviews, Minutes of the School Council, newspaper and magazine articles on the activities developed at the school were used for the research.

Keywords: Democracy. Fights. Resistance. school.

1. A questão da democracia

Atualmente, surgiram várias pesquisas discutindo a crise das democracias liberais, porém o que significa democracia nesta fase da história caracterizada pelo

¹ Professor Associado na Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul (UEMS), e autor de *Para ser historiador no Brasil* (Alameda, 2020) e *O curso de Geografia e História* (Alameda, 2021). Doutor em História pela UFPR, onde também fez estágio de pós-doutorado. Suas pesquisas tem se preocupado com a constituição do campo disciplinar da História no Brasil, a história de historiadores e historiadoras, a formação do ofício de historiador e a história da historiografia. E-mail: diogosr@uems.br; diogosr@yahoo.com.br.

² Professor permanente do mestrado profissional em análise e planejamento de políticas públicas da UNESP, Campus de Franca, da rede pública municipal de Campinas/SP, e autor de *A construção social da cidadania em uma sociedade intercultural* (Autores Associados, 2020). Suas pesquisas tem se pautado pela análise da estrutura da posse de escravos, os níveis e a constituição da riqueza pessoal e a história e cultura africana e afro-brasileira em sala de aula. E-mail: jrafsantos@yahoo.com.br.

capitalismo de vigilância, pela super indústria do imaginário? Esta questão é fundamental para Chantal Mouffe, ao questionar o que é democracia. Segundo Mouffe, Democracia Liberal pressupõe uma sociedade onde impera o consenso, a harmonia, a tirania da maioria. Por outro lado, defende uma concepção de democracia que pressupõe uma sociedade dominada pelo debate na esfera pública, caracterizado pelas divergências e conflitos, em busca de possibilidades que tragam alternativas concretas e legítimas para o bem comum da coletividade. Neste capítulo partimos da crítica de Mouffe, segundo a qual, a democracia liberal, não é suficiente para responder aos desafios impostos pelo processo de globalização. Mouffe apresenta duas formas de democracia, ou seja, a agregativa e a deliberativa (MOUFFE, 2003).

A democracia agregativa que tem como principais teóricos Weber que considerava a democracia representativa como essencial para seleção de líderes que a sociedade necessitava para evitar os desmandos da burocracia. Por outro lado, para Joseph Schumpeter, na democracia os cidadãos aceitariam ou rejeitariam os seus líderes por meio de um processo eleitoral competitivo, que configura uma abordagem instrumentalista, uma vez que a democracia, nesta perspectiva, tem seu papel reduzido a procedimentos para o tratamento de pluralismo de grupos de interesses, em formar grupos políticos que passem a representar essa ideia de pluralismo. Nesta perspectiva teórica, a democracia é reduzida a escolha de lideranças, ou seja, a democracia não visa a busca do “bem comum”, mas sim uma forma de um grupo legitimar seu poder em relação à sociedade, por meio de disputas partidárias.

Por sua vez, a democracia deliberativa pressupõe que os indivíduos livres e iguais deliberam entre si com objetivo de construir um consenso e legitimação por meio de acordos fundamentados em uma racionalidade que impera na sociedade. Dessa forma, segundo Jünger Habermas, um dos grandes expoentes dessa premissa, juntamente com John Rawls, apenas um arranjo procedimental e político dos sistemas sociais que é capaz de estabelecer conexão entre o exercício do poder e o livre exercício da razão por meio do consenso. Neste sentido, Mouffe não identifica a divergência e o antagonismo na democracia deliberativa, e a impossibilidade da sua extinção em face de essa sociedade atual pluralista. A globalização trouxe o pluralismo como um valor inerente a nossa sociedade. A democracia deliberativa invisibiliza a heterogeneidade, o

pluralismo da sociedade ao contrário do modelo de “pluralismo agonísticos”, uma vez que:

Contrariamente ao modelo de “democracia deliberativa”, o modelo de “pluralismo agonístico” que estou defendendo assevera que a tarefa primária da política democrática não é eliminar as paixões nem relegá-las à esfera privada para tornar possível o consenso racional, mas para mobilizar aquelas paixões em direção à promoção do desígnio democrático. Longe de pôr em perigo a democracia, a confrontação agonística é sua condição de existência. (MOUFFE, 2003, p.16)

As concepções tradicionais de democracia compreendem que o espaço do político tem como princípio norteador as instituições. Todavia, para Mouffe, todas as relações sociais podem se tornar o *locus* do conflito. Os autores que defendem a democracia deliberativa como Habermas, Cohen e Bohman têm como premissa compreender “como as instituições públicas podem tornar-se mais democráticas através da qualidade do método e condição do debate, da discussão e da persuasão, enfim através da deliberação pública.” (BOHMAM, 1996, p.12). Em razão disto, é necessário ressaltar que apesar dos teóricos da democracia deliberativa defenderem o debate, a discussão e a persuasão, não valorizam os antagonismos/agonismos, mas sim o consenso. Neste sentido, Mouffe (2003) avança ao reconhecer o antagonismo em todas as dimensões do poder e o seu caráter inerradicável. O poder não pode ser concebido como algo externo ao binarismo identitário pré-constituído, ou seja, branco/preto, masculino/feminino, Norte/Sul, mas sim a partir da constituição interna das identidades que ocorrem a partir das relações da subjetividade dos sujeitos com as contradições postas pela complexidade da sociedade neoliberal. Dessa forma, as relações de poder construídos a partir das relações sociais, ou seja, a questão da política democrática não é como eliminar o poder, mas sim como construir as formas de poder compatíveis com os valores democráticos. Segundo Mouffe (2003), a democracia como sistema político no contexto marcado pela globalização, tem que abdicar das concepções tradicionais que não reconhecem a dimensão do poder em todos os espaços e tempos, e principalmente, o caráter sentimental e apaixonado, nas disputas pela constituição de diferentes indivíduos e grupos identitários que extrapolem as questões nacionais e locais, para enfrentar as complexidades de um emaranhado planetário, Neste sentido, a concepção de democracia eurocentrada tem que ceder espaço para uma que respeita as

particularidades locais, e que não seja instrumento do mercado globalizado, ou seja, como diz Foucault a política torna-se fiadora da economia.

Neste contexto, marcado pela “globalização dos mercados, da privatização do mundo, sob a égide do neoliberalismo e da crescente complexificação da economia financeira, do complexo militar pós imperial e das tecnologias eletrônicas e digitais” (MBEMBE, 2018, p.15), as rupturas das democracias liberais tornam-se a tônica dos processos políticos do século XXI. (CASTELLS, 2018). A globalização tem aprofundado as desigualdades sociais, pois há livre circulação das mercadorias, mas o enclausuramento das pessoas nas fronteiras das nações, das periferias e da imaginação, a partir da compressão do tempo e do espaço, que tem produzido uma era de brutalismo, que tem como princípio a política da extração dos seres vivos, ou seja, da biosfera (MBEMBE, 2021). Por isso, é necessário pensarmos em um outro sistema democrático, concomitante com uma outra globalização (SANTOS, 2003), uma vez que a sociedade da liquidez (BAUMAN, 2001) contribui decisivamente para a individualização a irracionalização, fragmentação e o controle das pessoas, a partir da ideologia da sociedade do rendimento, onde a coerção torna-se um processo interno, organizado pelo princípio da positividade, ao contrário da sociedade disciplinar que operava sob a égide da biopolítica, pela qual o estado estabelece a dominação do corpo, especialmente, nas instituições, como: família, escola, igreja, presídios, fábricas, asilos, hospitais e etc, por meio da proibição ou seja, da negatividade.

Como bem havia sinalizado Dermeval Saviani (2018), a escola tradicional surgiu no século XIX como um meio necessário para legitimar o poder da burguesia, que acabara de ascender ao poder no mundo ocidental, ao buscar construir a nação e, por conseguinte, o cidadão afeito aos valores da sociedade burguesa; ou seja, era essencial forjar um sujeito capaz de enterrar os resquícios de uma sociedade estamental. Porém, assim que o intento foi alcançado a mesma burguesia revolucionária, tornou-se conservadora, porque como diz Marx no *Manifesto do Partido Comunista*, da contradição da luta entre burguesia e nobreza, surgiu o coveiro que enterraria a burguesia, ou seja, o operário. A utopia marxiana não se cumpriu em sua totalidade como propagou o *Manifesto Comunista*, apesar de que a Revolução Russa, a Revolução Chinesa e a Revolução Cubana alimentassem os ideais utópicos de diferentes gerações espalhadas pelo planeta, na qual o mesmo tornaria um espaço em que as desigualdades

sociais fossem aí extintas. Hoje, o marxismo ortodoxo, juntamente com o paradigma cartesiano, do qual foi tributário, sustentado na bipolaridade, ao longo da modernidade, não faz sentido. O processo de globalização e constituição de um mundo articulado sob as bases das identidades etnicorraciais, de gênero e nas lutas de classes exige, uma democracia pluralista e radical como defendida por Chantall Mouffe, mas que respeite as peculiaridades locais, a partir de uma dialética com o global. Neste aspecto, as ideias de Saviani a respeito da esterilidade das teorias pedagógicas não críticas e as críticas que apresentaram a crítica ao sistema educacional, mas não alternativas para uma sociedade que, entre o final da década de 1970 e início da de 80, experimentavam o que tem se convencionado chamar de neoliberalismo, que encontra o seu ápice com o domínio do capitalismo pelas indústrias do vale do silício, pela tecnologia digital e eletrônica e pelo zoneamento do mundo (MBEMBE, 2018); assim como, pela superindustrialização do imaginário (BUCCI, 2021) e pela era da Pós-Verdade (ROIZ, GOMES, SANTANA, 2018).

Neste aspecto, a proposta de Dermeval Saviani de uma pedagogia histórico-crítica, torna-se uma ferramenta indispensável para compreender e transformar o nosso convívio cotidiano a partir da perspectiva da relação dialética entre a instituição escolar e a sociedade da qual faz parte. Dessa monta, fica patente a necessidade de uma intervenção significativa no “chão da escola”, a partir de uma concepção decolonial (QUIJANO, 2011), que de certa forma se aproximam das ideias de Dermeval Saviani, juntamente com a de Paulo Freire, pois a teorização desses dois intelectuais foi gestada a partir da realidade e prática latino-americana. Em razão disso, procura-se a partir da análise da Emef/Eja Maria Pavanatti Fávaro compreender o processo dialético de construção e desconstrução em que o espaço escolar tem se mostrado como palco. Inicialmente, abordam-se as origens da unidade escolar a partir da relação da escola com a comunidade que se constrói mutuamente, com a organização comunitária que teve suas bases no conhecimento forjado no “chão das fábricas” dos Dics (Distritos Industriais de Campinas), que gerou a transformação da comunidade em suas diferentes dimensões, seja na mobilização para construir a escola, na reivindicação por infraestrutura, como: o saneamento básico, energia elétrica e o asfalto. Por outro lado, a escola tem contribuído na formação da comunidade do entorno com dinamismo, como podemos verificar a partir das diferentes atividades desenvolvidas que tem reverberado

em nível municipal, estadual e nacional. Em um segundo momento, busca-se compreender as dinâmicas que se desenvolveram na escola entre 2005 e 2014. Por fim, finaliza o artigo a partir da análise preliminar de uma intervenção coordenada pelo GEPEM da UNICAMP, que está alinhado na transição de uma sociedade disciplinar para uma sociedade de desempenho, que faz parte contexto atual caracterizado pela globalização e o neoliberalismo, que se sustenta em uma modernidade líquida. Dessa forma, a partir dos conceitos de pluralismo democrático e da Pedagogia Histórico-Crítica, que o estudo ora apresentado ancora-se, é que se buscará construir a interpretação que se segue abaixo.

2. A Formação de um espaço de lutas e resistências

A Emef/Eja “Maria Pavanatti Fávaro”,³ atualmente, devido às várias atividades desenvolvidas tem se destacado, no âmbito da rede municipal de ensino, mas a sua história encontra-se esquecida, ou ao menos silenciada no processo. São vários fatores que tem contribuído para tal situação. O descaso que a sociedade contemporânea tem em relação à memória, por outro lado, as tarefas diárias do cotidiano escolar impedem um tratamento da documentação que se encontra na escola, bem como as que estão em outras repartições, ou mesmos as memórias que estão nas lembranças das pessoas que ajudaram a construir a escola. Aqui escola não significa o prédio em si, mas as histórias e trajetórias que foram forjadas no interior dessa instituição, em todo espaço escolar e de aprendizagem. A recuperação da trajetória da escola, que desde o princípio, faz parte da constituição da comunidade e é parte constituinte da mesma, permite refletirmos sobre a importância da participação dos pais, alunos, professores e gestores no processo de construção de um espaço de democracia, de participação popular e de ação coletiva.

A partir dos relatos e dos documentos que se encontram na escola, é possível compreender o que foram os 41 anos de ensino-aprendizagem (completados em 2022), e

³ A Escola foi criada pelo decreto Municipal nº 6.473, de 26/04/1981. A mudança de nome para Escola de Primeiro Grau “Maria Pavanatti Fávaro” ocorreu pelo decreto Municipal nº 7.644, de 26/01/1983. O ato legal de funcionamento foi concedido pelo parecer do Conselho Estadual de Educação 365/1985, publicado no D. O. E de 21/03/1985. (Plano Escolar da EMPG “Maria Pavanatti Fávaro, 1992). A partir da portaria 12/99 escola passa a ser denominada EMEF/EJA “Maria Pavanatti Fávaro”. (Ata do Conselho Extraordinário, 12 de julho de 1999). Apesar do ensino supletivo ser oferecido ao longo da história da escola, não era de responsabilidade da prefeitura.

o processo de construção de identidades que perpassou por gerações de alunos, professores e gestores ao longo de quatro décadas.

Analisar a trajetória da instituição escolar desde o início da sua criação, articulando com a própria constituição espacial e social do seu entorno, permite compreender que a educação é algo central na vida da comunidade. Neste aspecto, é necessário ressaltar que a análise da trajetória de uma escola pública, requer alguns cuidados que são imprescindíveis para desnudar as complexidades que a envolve. Inicialmente, é preciso compreender que entendemos a escola pública como um espaço fundamental no processo de implementação e consolidação de uma sociedade democrática, justa e inclusiva. A partir de uma perspectiva dialética é impossível desprezar o caráter determinante e determinado da escola em relação à sociedade; ou seja, não podemos compreender as dinâmicas escolares, sem relacioná-las com as políticas implementadas pelo estado em âmbito municipal, estadual e federal.

A constituição do processo histórico é forjado por meio de disputas e negociações que impactam nas relações entre os sujeitos envolvidos nesse percurso. Neste sentido, é de extrema importância compreender que a instituição passou diversos momentos, que refletem na sua própria dinâmica, avanços e retrocessos, em razão de questões relacionadas com as decisões de políticas públicas e também do engajamento da comunidade escolar no “chão da escola”.

A antiga Escola de Primeiro Grau Jardim São Cristovão de Viracopos, surge a partir das reivindicações de moradores junto à prefeitura, que culmina na criação de três salas de emergências, para atender 120 alunos em três períodos, a partir de 16 de fevereiro de 1981, apesar das condições precárias como a “falta d’água, ausência de pessoas encarregados para a limpeza e a falta de armários. O principal problema diz respeito ao sanitário que consta de um vaso sanitário sem descarga, colocado sobre uma fossa, estando a situação horrível conforme relato da Diretora” da Escola Corrêa de Mello, que dista 2km do “Barracão” que, inicialmente, assumiu a responsabilidade as três salas, que deram início, a Escola de Primeiro Grau do Jardim São Cristovão. (Coordenadoria de Ensino de 1º Grau/26/03/1981)

A pujança do desenvolvimento econômico impulsionado pelo processo de industrialização, que se intensificava desde a década de 1960 no Brasil, e especialmente, em Campinas devido à sua localização privilegiada, atraía migrantes de diversas regiões do país em busca de uma vida melhor. Os cidadãos oriundos de diferentes partes do Brasil compreenderam desde cedo que o processo de inclusão na sociedade capitalista ocorria especialmente por meio do conhecimento. O aprendizado ocorria por meio da

experiência cotidiana no mercado de trabalho, que remunerava melhor os mais qualificados. Outra lição que os migrantes aprenderam rapidamente foi à importância da luta para concretizar as suas aspirações enquanto sujeitos de direito. Os conhecimentos adquiridos no “chão da fábrica” por meio de manifestações orquestradas por sindicatos, que efervesciam devido à intensificação da industrialização, urbanização, associada ao processo de abertura política, que era realidade com o processo de luta pelas Diretas já, foram fundamentais na constituição de sujeitos ativos na região dos Dics (Distritos Industriais de Campinas). A organização, que começava no “chão da fábrica” com o processo de sindicalização dos trabalhadores, reverberavam em suas ações por melhores condições de vida das suas famílias. Um dos primeiros moradores do entorno da escola descreve a região como um espaço que estava sendo constituído, ainda no final da década de 1970. Este morador detinha as promissórias do terreno que comprou quando se estabeleceu na região em 1979. Conversas com este morador evidenciaram o orgulho que tinha de acompanhar o desenvolvimento da região, ao longo de mais de quarenta anos. Os filhos e netos deste morador estudaram na Pavanatti (antiga Escola de Primeiro Grau do Jardim São Cristovão), espaço escolar em análise. Porém, a história da escola está entrelaçada a um processo de lutas e resistências que marcou a construção de quatro salas de aulas no início da década de 1980. Os moradores solicitaram a urgência da construção da escola pelo então prefeito Francisco Amaral, que após algumas reuniões cedeu às pressões da comunidade e autorizou a construção da unidade escolar. Por outro lado, ressalta-se que o prefeito procurou passar a responsabilidade para o governo estadual, alegando dificuldades econômicas da prefeitura.

3. Como instaurar um bom clima escolar em regiões vulneráveis

A região Sudoeste de Campinas, onde se encontra a Emef/Eja Maria Pavanatti Fávaro é marcada pela vulnerabilidade social, representada pela violência e conflitos sociais cotidianos. Segundo o mapa da violência de 2019, a região sudoeste era a mais violenta de Campinas com 228 homicídios entre 2011 e 2017, empatada apenas com a região sudeste. Os jovens são os principais alvos da violência, especialmente, dos homicídios dolosos. Os jovens do sexo masculino, entre 15 e 29 anos, são assassinados em sua maioria em vias públicas nos períodos noturnos e de madrugada, nas regiões de

vulnerabilidade social. “Entre 2014 e 2017, segundo a Secretaria de Segurança Pública do Estado de São Paulo, ocorreram 182 homicídios de jovens em Campinas” (Mapa da violência, 2019/Feac).

Os maiores índices de violência do município de Campinas encontram-se na região Sudoeste, na faixa que corresponde o território do Jardim Itatinga, passando pelos Dics (Distritos Industriais de Campinas), Ouro Verde até próximo o Recanto do Sol. A avenida Suaçuna, que se encontra entre os Dics, e abrigava em torno de 200 mil pessoas, segundo o censo do IBGE de 2010, foi o palco de 100 homicídios entre 2011 e 2017. (Mapa da violência, 2019/Feac).

A análise a respeito do clima escolar descrito na revista gestão escolar de março de 2019, com o título “como instaurar um bom clima escolar em regiões vulneráveis”, reflete a visibilidade do trabalho que vem sendo realizado na escola ao longo de mais 15 anos. No referido texto, a escola EMEF/EJA “Maria Pavanatti Fávaro” é apresentada juntamente com outras duas instituições de ensino, uma também integrante da rede municipal de Campinas e outra do município de Poços de Caldas/MG, como exemplos de sucesso no processo de instauração de um bom clima escolar, em regiões com alta vulnerabilidade social:

Na EMEF/EJA Maria Pavanatti Favaro, também em Campinas, o espaço físico é restrito. Não há pátio escolar, por exemplo. Mas, isso não é motivo para uma comunidade menos afetiva e engajada. Muito pelo contrário, ali todos são ouvidos e participam do dia a dia das atividades e decisões. (FERREIRA, 2019)

O artigo, elaborado por meio de entrevistas com o orientador pedagógico Robson Alexandre Moraes e o professor de Matemática Edson, procurava delinear o processo que levou a este sucesso. Os entrevistados citam a instauração da CPA (Comissão Própria de Avaliação), instituída pela secretaria municipal e a Unicamp em todas as unidades educacionais de Campinas, em 2008, e o projeto Mais educação, as gincanas e o projeto Viva ética, como os responsáveis pelo sucesso:

Há oito anos, a unidade passou a oferecer atividades de contra turno por meio do programa Mais Educação. Algumas das atividades realizadas chegaram a ser premiadas como a Fanfarra e o grupo de Hip hop dos estudantes. Essas ações foram o primeiro passo para que a escola fosse vista como um pólo cultural importante para a população do entorno. Nesse período, a Comissão Própria de Avaliação (CPA), criada pela Secretaria de Educação do Município de Campinas foi se fortalecendo na unidade. (FERREIRA, 2019)

Em 10 de setembro de 2011, o aluno Ítalo Ribeiro Gomes, então com doze anos, corrobora as afirmações expressas por Robson Alexandre e Edson:

Há dois anos, vem percebendo uma mudança nas salas de aula pelas quais passou: os professores estão se esforçando mais para ajudar os alunos que não conseguem entender os conteúdos ministrados. Por ser representante discente na Comissão Própria de Avaliação (CPA) de sua escola, Ítalo entende que a alteração está relacionada com o trabalho de autoavaliação realizado ali. (REY, 2011).

A vice-diretora Márcia Zauza, chegou à escola em 2012 e também observou que a escola possuía um clima escolar que se aproximava de uma prática mais democrática, baseada no diálogo:

Quando a vice-diretora Márcia Zauza chegou, em 2012, na EMEF Maria Pavanatti Fávaro, em Campinas (SP), a escola já não aplicava suspensões como punição. “O adulto decidia qual seria a melhor punição e a aplicava. Se julgasse necessário, convocava os pais”, relembra a vice. (SEMIS, 2018)

As descrições a respeito da escola EMEF/EJA “Maria Pavanatti Fávaro”, apresentadas nas entrevistas realizadas com diferentes sujeitos, contrastam com as descrições da escola, presente em diversas entrevistas, realizadas por Lourenço, em 2005, com professores, gestor e alunos da referida escola, que foram fundamentais para elaboração de seu trabalho de conclusão de curso com o título “Depredação, resistência e rebeldia”. Lourenço inicia a pesquisa apresentando a angústia que sentia em relação ao seu local de trabalho que ilustra a situação da escola em 2005:

Há tempos, a depredação escolar tem suscitado em mim algumas indagações que me faziam indagar diariamente o que estava acontecendo de errado na escola que trabalho há mais de cinco anos. O que fazia com que seus alunos quebrassem mobiliários, portas, carteiras, bebedouros, armários, banheiros e outras coisas que eram necessárias para eles mesmos? (LOURENÇO, 2005, p.9)

As matérias despertaram algumas indagações a respeito do processo que possibilitou a referida instituição de ensino tornar-se referência na comunidade, após a mesma ser objeto de preocupação da professora Rosane Santicioli Lourenço. Será que a instauração da CPA iniciou o processo de recuperação do bom clima escolar? Ou ainda, será que outras medidas foram tomadas?

O jornal *Correio Popular*, em 2007, publicou uma matéria sobre a escola Maria Pavanatti Fávaro, na seção Projeto Cidadão, intitulada “Força Tarefa torna escola nota 10”. A funcionária Ivanilde Rondon, com 50 anos na época e dezessete anos

trabalhando na instituição, enfatizava que a escola nos últimos anos havia passado por uma transformação significativa, devido à união de todos em torno dos alunos.

O depoimento da “Naná”, como é conhecida Ivanilde, é fundamental para compreendermos o processo de mutação que a unidade escolar passou, pois a mesma sempre foi uma referência para os alunos. Segundo os alunos: “A Naná é legal, é simpática, parece até a nossa mãe quando vem defender e ajudar a gente”.

O ponto de inflexão que ocorreu a partir de 2005 foi à chegada da diretora Sandra. A nova diretora assumiu o cargo em 2002, encontrando um cenário desolador, repleto de pichações, depredações, que tornava o ambiente cinzento e até caótico para o desenvolvimento do trabalho docente e a formação dos alunos. Por outro lado, a escola funcionava em quatro períodos, as salas de aula tinham quarenta alunos, além de um alto índice de defasagem escolar, às várias ocorrências, que constantemente obrigavam a direção a solicitar auxílio para a guarda municipal. Este ambiente foi transformado a partir da saída de dez professores e a chegada de novos professores que abraçaram o desafio de superar uma situação adversa que a unidade escolar encontrava-se até então enclausurada. As mutações da escola são enfatizadas pela diretora no momento que a mesma declara que:

“A guarda chegou a nos procurar para saber por que não era mais acionada”,
“Aquele atitude repressiva de quem foi e vamos punir, deixou de existir.”
(CORREIO POPULAR, 2007)

A escola passou a desenvolver o protagonismo juvenil a partir da elaboração de um projeto de grafite sob a coordenação do professor de artes, Amilton Luis Fin Lima. Em 2003, realizou-se um concurso de grafiteagem entre os alunos da EJA, que resultou em um espaço diferente, após a montagem dos trabalhos e a grafiteagem em uma parede, que se tornou referência na luta contra as pichações que eram recorrentes no interior da escola. O trabalho de combate às pichações foi lento, porém, muito frutífero.

Por outro lado, as pichações eram um dos vários problemas enfrentados por uma escola de quatro períodos. A organização e a limpeza das salas de aulas era um ponto de tensão que refletia no próprio ambiente da escola. Com o objetivo de sanar a demanda, a funcionária da limpeza, Vânia Rodrigues da Silva, sugeriu que os alunos e professores dispusessem 5 minutos da última aula de cada período para limpar as salas.

A sugestão foi prontamente atendida, gerando um círculo de solidariedade que contagiou todos, em busca de uma escola agradável aos alunos, professores, pais,

secretaria e direção. O projeto teve adesão imediata de alunos e professores, que aprenderam a importância da colaboração para constituírem um espaço mais limpo e organizado, que influenciava diretamente no processo de ensino-aprendizagem e no respeito mútuo, que aos poucos foi sendo fortalecido a partir do reconhecimento através do amor, da justiça e da solidariedade como bem comum a todos como situa Axel Honneth (2003), em seu livro *Luta pelo Reconhecimento*.

A história da mentora do projeto sala limpa confunde-se com a trajetória da maioria das famílias atendidas pela a unidade educacional. Migrou para Campinas com apenas 7 anos de idade para morar com uma tia, com o objetivo de buscar uma vida melhor. As adversidades nunca intimidaram essa maranhense, em razão do início de uma vida adulta precoce, que foi cerceada pelo sistema a concluir os estudos no período regular. O envolvimento com a dinâmica da escola, e na atmosfera do conhecimento a levou retornar aos bancos escolares, juntamente com outros pais, no período da noite, incentivada pela diretora da escola.

As matérias que vêm saindo na imprensa a respeito da escola têm evidenciado as mudanças que ocorreram nos últimos anos. Por outro lado, algumas questões permaneceram sem respostas. Como ocorreu a mobilização da equipe escolar e da comunidade neste processo? Como a gestão conseguiu o apoio de todos? A permanência de professores por longos anos explica a sintonia com a comunidade? Em busca das respostas passou-se a ler as atas do conselho de escola. Em um primeiro momento, verifica-se a participação da comunidade, de professores, funcionários, gestão e de alunos quando convocados. As deliberações dos conselhos chamaram a atenção, porém, conforme a leitura foi se estendendo, percebeu-se que os conselhos passaram a ocorrer com certa regularidade desde 2005, mas a partir de 2013 as atas ficaram mais sucintas devido ao conselho passar a fazer parte da CPA. A primeira observação é a constatação que a CPA tão elogiada em entrevistas, não foi em si um ponto de inflexão, pois a CPA apenas se tornou mais regular nas reuniões para avaliar as ações presentes na escola. As reuniões de Conselho ocorriam em quatro situações ao longo do ano, e a CPA de 15 em 15 dias.

Neste sentido, o Conselho de Escola atuante foi fundamental neste processo de reestruturação que a escola passou nos últimos anos. Dessa forma, ratifica a importância de uma gestão democrática na construção de uma escola para todos. Por outro lado, é

interessante constatar que a CPA da EMF/EJA “Maria Pavanatti Fávoro” é a mais atuante da rede municipal, devido ao fato de que ela apenas deixou o processo de participação dos integrantes da unidade escolar mais dinâmica e assídua.

A primeira reunião do conselho de 2005, registrada no dia dezessete de novembro (17/11) deixa claro que foi o início de um trabalho em equipe que refletiria as mudanças que a escola passaria desde então. Nesta reunião a diretora explica a “importância dos pais na convivência escolar para mudar... as coisas da escola”. Ao ser questionada por um pai sobre a importância da APM, a diretora destacou novamente a grande importância da comunidade escolar. Essa reunião registra algumas informações importantes que demonstram os primeiros passos no combate ao vandalismo, que era constante na unidade escolar. Neste sentido, alguns pais foram taxativos em relação às posturas que deveriam ter perante tal situação: “Alguns pais colocaram-se sobre as indisciplinas e pichações, os pais determinam que os próprios alunos limpem o que sujaram” (ATA, 17/11/2005, p.1). A pintura e a reforma no banheiro foram fundamentais neste processo, pois a partir daí várias medidas aplicadas pela gestão da escola nas relações no interior da instituição, tornaram-se mais solidárias e respeitadas, firmando outro ambiente escolar de trabalho e convivência diária entre as pessoas.

4. Mãos de ferro do Conselho Escolar

Segundo Dermeval Saviani, a escola é mais democrática quando não trata diretamente da temática e menos democrática quando procura tratar, ou seja: “quando mais se falou em democracia no interior da escola, menos democrática ela foi, e quando menos se falou em democracia, mais ela esteve articulada com a construção da ordem democrática” (SAVIANI, 2018, p.39). A atuação do Conselho da Escola da Emef Maria Pavanatti, juntamente com toda movimentação no interior da unidade escolar é um exemplo da premissa apresentada por Saviani.

A reestruturação da escola passou por um processo de imposição de limites diante do vandalismo e da indisciplina na unidade escolar. Neste sentido, em um primeiro momento, o conselho foi rígido com os alunos que extrapolavam os limites de uma convivência respeitosa.

No final do ano de 2005, mais especificamente no dia 14 de dezembro, o conselho de escola se reuniu nas dependências da unidade escolar e deliberou a recusa de matrícula de alguns alunos para o ano seguinte. Os motivos alegados dizem respeito à indisciplina, ao desrespeito, a depredação do patrimônio e à violência a funcionários:

Na reunião do Conselho de Classe das 8^{as} séries ficou acordado entre os professores e equipe gestora a não matrícula dos alunos: M. N. S. 8B retido, por motivo de indisciplina, desrespeito e depredação do patrimônio. A. V. J. (8^a-retido) – por motivo de indisciplina, desrespeito e depredação do patrimônio. T. S. C. (8C-retido) – desrespeito, e indisciplina e depredação do patrimônio. E. P. M. (1^o termo-retido) – agressão a funcionário terceirizado (guarda). Houve então a concordância dos conselheiros para a não matrícula desses alunos. (*Ata do Conselho*, 14/12/2005, p. 2b).

A recusa das matrículas dos alunos não foi suficiente para estabelecer um bom clima escolar, pois no meio do ano de 2006, o conselho deliberou por não aceitar a matrícula de ex- alunos da EJA, que apresentaram problemas, além do abandono do curso, para o segundo semestre. Em virtude da situação na reunião do conselho de 6 de julho de 2006:

[...] foi lido pelo assistente administrativo os nomes dos alunos que realizaram as inscrições para estudarem no 2^o semestre na EJA. Porém, alguns professores presentes da EJA, apresentaram a rejeição de alguns ex-alunos que não poderão mais retornar a essa escola, devido terem sido problemas e abandonados durante o curso... Todos os pais e alunos presentes apoiaram os professores e decidiram pela não aceitação dos mesmos. (*Ata do Conselho*, 6/07/2006, p.6b).

O conselho voltou a deliberar sobre a transferência compulsória de alunos na reunião de 04 de junho de 2006, quando um aluno estava desestabilizando o ambiente da sala de aula e da escola como um todo. O educando foi apontado como indisciplinado, um mau exemplo para os colegas, faltoso, ou seja, não se enquadrava no perfil de aluno padrão. A história do referido aluno enquadra-se no conceito apresentado por Jessé Souza (2009), em *Ralé Brasileira*, ou seja, encontrava-se em uma situação de fracasso escolar, devido à ausência de um capital cultural que refletia a sua organização familiar, que não permitiu o desenvolvimento do tripé disciplina, autocontrole e pensamento prospectivo, que para tal autor é essencial para o seu desenvolvimento psicogenético. Assim sendo, a:

Convocação do responsável do aluno da 6^a. O aluno está tendo brincadeiras com as meninas, levando as mesmas a serem mal tratadas por outros colegas. Esteve presente a sua tia que é responsável, a mesma disse não saber das suspensões do mesmo. O prof. de ERET, disse que apareceu de vez em quando, mas tudo o que ele realiza de conteúdo é só através de troca. Ele

“passa a mão” nas meninas, as mesmas estão sentindo constrangidas diante da atitude do mesmo. O ano passado ele evadiu, mas o principal problema dele é o comportamento. (p.13b). A profª. de Inglês, disse que ele também constrange os meninos, abusando dos mesmos. Ele assumiu uma posição de líder negativo na sala. A proposta da professora é que ele seja transferido para outra unidade escolar. A tia disse que teve uma audiência na Vara da Infância e Juventude, pois o mesmo está cínico, mentiroso, ele não está obedecendo mais. A prof. de Artes diz que na aula dela, também não faz nada. Ele bate nos menores. A tia volta a dizer que ele está mexendo nas coisas em casa. A prof. de Ciências, não está aproveitando nada que é dado em sala. A profª. recomenda um ambiente diferente para ver se ele troca as amizades e quem sabe muda o seu comportamento. A profª. de História, diz que ele tem uma postura péssima em sala de aula. Coloca os pés na carteira, sobe, grita. A orientadora pedagógica disse que as ausências estão altas. A tia diz que ele vai, digo, em todos os dias para a aula. A diretora disse que todos da escola estão perturbados com as atitudes dele. O conselho foi convocado e quando o aluno foi comunicado riu e disse que nada iria acontecer com ele. Aqui na escola ele não tem convivência com ninguém. Quando ele vem falar com qualquer um aqui, a sua fala é estúpida e rígida. A orientadora pedagógica perguntou o porquê na aula de matemática ele participa. O mesmo diz que gosta da matéria. A proposta do aluno é mudar de sala, mas, a própria tia disse que não tem que mudar de sala e sim quem tem que mudar o comportamento é o próprio. O prof. de ERET disse que ele tem que ter respeito, humildade. (p. 14b). O aluno propõe mudar o comportamento, e quer continuar a estudar aqui na escola. Essa é a última chance, a próxima que ele aprontar será imediatamente transferido. Por decisão desse conselho o aluno R. será transferido para outra escola no 2º semestre para a escola Pierre Bomhome. (*Ata do Conselho*, 04/06/07, p.14b).

O interessante é observar que esse foi o último aluno que foi convidado a se retirar da escola por deliberação do conselho. Em razão das medidas duras tomadas pelo conselho, podemos indicar que apesar de autoritárias em um primeiro momento, tornaram-se democráticas, com a melhoria na convivência no interior da unidade escolar, além da melhoria do Ideb ao longo dos anos:

[...] a natureza prática pedagógica implica uma desigualdade real e uma igualdade possível. Consequentemente, uma relação pedagógica identificada como supostamente autoritária, quando vista pelo ângulo do seu ponto de partida, pode ser, ao contrário, democrática, se analisada a partir do ponto de chegada, ou seja, pelos efeitos que acarreta no âmbito da prática social global. (SAVIANI, 2018, p. 63).

Nos anos seguintes, os casos de indisciplinas foram arrefecendo nas reuniões do Conselho de Escola. Porém, não se pode concluir que medidas extremas foram suficientes para tornar a unidade escolar um ambiente de convivência respeitosa e solidária. Segundo a prerrogativa de Saviani a prática pedagógica para alcançar uma democrática real precisa partir de uma democracia possível para uma democracia real, ou seja, é necessário “articular o trabalho desenvolvido nas escolas com o processo de democratização da sociedade” (SAVIANI, 2018, p. 63).

5. O Grande Desafio

O projeto *Grande Desafio* é realizado pelo Museu Exploratório de Ciências da Universidade de Campinas, a Unicamp. O evento teve sua primeira edição em 2007. Marcelo Firer, coordenador e diretor do projeto, ao ser entrevistado pelo jornal *Correio Popular* em 2007, expressava com entusiasmo que a ideia para a iniciativa foi inspirada no The Challenge, do The Tech Museum of Innovation, projeto com mais de 20 anos sediado na Califórnia/EUA. No ano de 2022, o projeto *Grande Desafio* completou sua 16ª edição.

O *Grande Desafio* apresentou-se como uma válvula importante para Emef Maria Pavanatti Fávaro, no contexto de reestruturação que a escola encontrava-se em 2007. O projeto promoveu o protagonismo juvenil, mas principalmente, trouxe a autoestima para todos da unidade escolar, mas principalmente para os alunos. O cenário onde se encontra a escola é marcado pela vulnerabilidade social, representada pela violência, retratada no mapa da violência de 2019, segundo o qual a região sudoeste é identificada como a mais violenta de Campinas com 228 homicídios entre 2011 e 2017, empatada apenas com a região sudeste.

A divulgação organizada pelo Museu Exploratório de Ciências da Unicamp nas escolas foi fundamental para despertar nos adolescentes da Emef Maria Pavanatti Fávaro o interesse pela ciência. Segundo a professora de ciência Rosa Sivieiro, os alunos da escola pesquisaram sobre o caminhão da Oficina de Desafio e decidiram participar do Grande Desafio de 2007. O desafio lançado na primeira edição do projeto foi o combate de incêndio de uma floresta devido à queda de balão. Os alunos do 6º ano mergulharam de cabeça e desenvolveram uma paranafernália e conquistaram o prêmio da melhor solução do ensino fundamental I (até o 7º ano).

Segundo o jornal *Correio Popular* participaram da primeira edição do Grande Desafio em torno de 22 municípios paulistas, e aproximadamente 350 estudantes. (*Correio Popular* – 18/06/2007 Cidades – A-7). O grande prêmio foi conquistado por uma escola de Ourinhos, que teve o direito de batizar o asteróide descoberto pelo astrofísico Orlando Naranjo, em 1994. O feito dos alunos gerou repercussão em todo

município, devido à matéria que foi publicada pelo jornal *Correio Popular* e no *Diário Oficial do Estado*, seção Executivo.

O grupo orientado pela professora de ciência Rosa também participou da 2ª edição do Grande Desafio do Museu Exploratório de Ciências da Unicamp, que lançou como desafio a construção de um equipamento para colheita de laranja, que obedecesse ao princípio da proteção ambiental e do trabalho. O grupo conseguiu novamente ser premiado com a construção de um carrinho que facilitava o transporte das laranjas, respeitando a irregularidade do terreno, além de não utilizar nenhum tipo de combustível. A equipe da Emef Maria Pavanatti Fávaro, orientada pela professora Rosa Savieiro foi à única de Campinas a ser premiada entre as 23 agraciadas na 2ª edição do Grande Desafio. Porém, o grupo orientado pela professora Rosa persistiu e na terceira edição do Grande Desafio apresentou uma engenhoca que visava proteger os ovos da Harpia, ave de rapina que se encontra em extinção, que se tornou a Super solução, conferindo à equipe o direito de batizar um asteróide descoberto pelo astrofísico venezuelano Orlando Naranjo pelo nome de Brasileirinho:

Segundo a professora Rosa, o projeto permitiu que os alunos desenvolvessem autonomia e independência nos estudos, além de incentivar o trabalho em equipe e aproximar estudantes e professores. A repercussão provocada pelas conquistas da equipe orientada pela professora Rosa contagiou toda a escola, despertando o gosto pela Ciência entre os alunos. “Para salvar a fauna use o cérebro” (*Correio Popular*, 20 de julho de 2009).

O ambiente da escola estava contagiado a ponto de 5 equipes participarem do projeto na sua 4ª edição em 2010. Novamente a escola Pavanatti foi premiada com a construção de um protótipo, que simulava a extração de petróleo, a equipe se autodenominou o Poço do Visconde, em alusão ao personagem de Monteiro Lobato. O interessante é que o professor João Roberto registrou todo o desenvolvimento do protótipo vencedor e disponibilizou em formato de DVD. Além do mais, é necessário registrar que a professora Midori Hamamoto, orientadora da equipe, frisou a importância da abordagem interdisciplinar que este tipo de atividade exige, pois foi necessário utilizar da história, geografia, matemática e ciências para solucionar o problema apresentado pelo Museu Exploratório de Ciência da Unicamp.

Considerações Finais

Os projetos desenvolvidos na escola como a fanfarra, a intervenção da artista Vera Ferro, o projeto de grafiteagem, o projeto sala limpa, as reformas dos banheiros dos alunos, a construção da quadra coberta, a introdução de Projeto Pedagógico Diferenciado (PPD), a participação no projeto da Unicamp, *O Grande Desafio*, o Projeto Acesso e posteriormente o Programa Mais Educação do governo Federal, o fechamento do período intermediário e a diminuição da ausência de profissionais na escola foram fundamentais e contribuíram para construção de uma escola solidária, respeitosa, justa e democrática. Além do mais foi fundamental para a elevação do Ideb da escola de 3,6 em 2007, para 5,2 em 2015 no Ensino Fundamental II (6º ao 9º ano) e de 4,5 em 2007 para 5,2 em 2015, no Fundamental I.

A EMEF/EJA Maria Pavanatti Fávaro foi impactada com as diferentes intervenções realizadas entre 2005 e 2014 de forma positiva, pois apesar de não construir um discurso alicerçado na ideia de escola democrática, as práticas o foram, e os professores tiveram liberdade para desenvolver diferentes projetos, apoiados pela gestão, mas partiram da individualidade de algum membro da comunidade escolar. Neste sentido, podemos citar o projeto sala limpa que foi idealizada pela Vânia, funcionária da limpeza, e conseguiu mobilizar toda escola em prol de um bem comum. A intervenção da artista plástica Vera Ferro, que foi intermediada pelo professor de artes Amilton, que também coordenou o projeto de Grafiteagem.

O GEPEM da Unicamp, ao chegar na Emef/Eja “Maria Pavanatti Fávaro”, também foi intermediado pela vice-diretora Márcia, que em depoimento de 2012, já havia elogiado o clima escolar da Escola. Inicialmente, o GEPEM aplicou um questionário em quatro unidades da rede municipal de ensino de Campinas, com objetivo de selecionar duas para participar de uma pesquisa financiada pela fundação Lemann e o banco Itaú, com o título “Em busca de caminhos que promovam a convivência respeitosa em sala de aula todos os dias”. Após a aplicação do questionário que visava mensurar o clima escolar da escola, e sua sistematização, a Emef Maria Pavanatti Fávaro e a Emef Violeta Dória Lins foram selecionadas para a pesquisa.

No artigo intitulado “Clima escolar na perspectiva de alunos de escolas públicas”, no qual analisa as dimensões do clima escolar de quatro escolas municipais do interior de São Paulo, são apresentados resultados da pesquisa que permitiram o posterior aprofundamento nas Emef/Eja Maria Pavanatti Fávaro e Emef Violeta Dória

Lins. Estes dados iniciais indicam que se referem à pesquisa que a escola Pavanatti havia participado. A partir da caracterização das escolas segundo o Ideb, número de alunos, localização e a infraestrutura, concluí-se que a escola 4 da pesquisa é a Pavanatti. Inicialmente, as percepções positivas dos alunos chamaram a atenção das pesquisadoras, devido estar localizada em uma região de alta vulnerabilidade social, marcada por altos índices de violência e a infraestrutura precária da escola.

Dados isolados sem levar em consideração as práticas desenvolvidas na escola, ao longo de anos, causa certa surpresa, porém, a história da escola revela-nos que não é por acaso, mas sim fruto de muito trabalho. O clima escolar na escola Pavanatti, após o período crítico com suspensões de alunos, transferências compulsórias passou a ser baseado no diálogo, na solidariedade, no respeito e na justiça, aspectos também identificados pelas pesquisadoras:

Um bom clima escolar pressupõe um ambiente propício para a aprendizagem. Porém, nas análises das pesquisadoras do GPEM, apesar da avaliação positiva do clima escolar pelos alunos da escola 4, os métodos de ensino são empiristas, ou seja, os alunos são submetidos a métodos poucos motivadores no processo de ensino-aprendizagem, como: cópia de texto da lousa, leituras intercaladas com explicações do professor, as atividades não são diversificadas, além de serem individualizadas, correção das lições na lousa. Por outro lado, usam-se poucos filmes e Internet no processo de ensino-aprendizagem, não se propõe atividades interdisciplinares, ausência de debates ou de incentivos aos alunos para expressarem os conhecimentos prévios:

Porém, as pesquisadoras não identificaram na escola 4 práticas de ensino que visassem a melhoria da qualidade do ensino por parte dos professores e da gestão. Em razão disso, apesar do cuidado dos educadores da escola 4 com os alunos, não se observou um cuidado com o estabelecimento de metas, o uso de avaliações externas no planejamento de ações, falta de acompanhamento contínuo com a aprendizagem dos alunos.

O diagnóstico apresentado pelo artigo a respeito do processo de ensino-aprendizagem da escola 4, que acredita-se pelas evidências que seja a Emef/Eja Maria Pavanatti Fávaro, corrobora o fato que os anos finais da unidade escolar apresentaram um crescimento do Ideb de 3,6 para 5,2 entre 2007 e 2015, porém entre 2017 e 2019 permaneceu estável em 5,4. Aqui surge uma questão, será que o diagnóstico

apresentado pela pesquisa explica a estagnação do Ideb entre 2015 e 2019 no Ensino Fundamental II? Como foi apresentado ao longo do texto, entre 2005 e 2015, a escola protagonizou várias ações que repercutiram nos âmbitos municipal, estadual e nacional, apesar de não priorizar as metas apresentadas pelas avaliações externas.

Nos últimos anos as atividades da escola também produziram visibilidade, porém ficaram restritas em questões relacionadas à convivência e à participação em edital que propiciou a escola ser contemplada com um Studio, que tem reverberado na produção de materiais audiovisuais, a partir do protagonismo dos alunos, que são publicados no canal da escola intitulado *Pavacanal*. Por outro lado, observa-se que nos PPP da escola a partir de 2015 não há metas tendo por base as avaliações externas, mas sim uma busca a partir do conceito da qualidade social da educação. O projeto Viva Ética, desdobramento do projeto do GEPEM, trouxe grande contribuição na implantação de uma democracia deliberativa por meio das assembleias de alunos, professores, gestores e funcionários. Todavia, como salienta Chantall Mouffe, este tipo de democracia busca o consenso, que muitas vezes não privilegia a pluralidade, o que pode castrar muitas iniciativas individuais que contagiem a todos, semelhante ao processo que a escola vivenciou entre 2005 e 2015, que gerou um aprendizado para professores, alunos, gestão, funcionários e a comunidade do entorno da escola, que propiciou uma dinâmica que impactou até nas avaliações externas.

Referências Bibliográficas

AZEVEDO, Alessandro. **Grande Desafio:** EMEF Maria Pavanatti Fávoro disputa a final da 4ª etapa. Este ano, os alunos tiveram que projetar, construir e operar um equipamento capaz de atrair petróleo das camadas de pré-sal. Portal da Prefeitura de Campinas, 2010. <https://portal.campinas.sp.gov.br/noticia/2143>. Acessado em 11 de setembro de 2022.

BAENINGER, R. **Região Metropolitana de Campinas:** expansão e consolidação do urbano paulista, 2001. https://www.researchgate.net/profile/Rosana-Baeninger-3/publication/267198747_Regiao_Metropolitana_de_Campinas_expansao_e_consolidacao_do_urbano_paulista/links/54ea559e0cf25ba91c82f464/Regiao-Metropolitana-de-Campinas-expansao-e-consolidacao-do-urbano-paulista.pdf.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade Líquida.** Rio de Janeiro: Editora Zahar, 2001.

BOHMAN, J. **Public Deliberation:** Pluralism, Complexity and Democracy. Cambridge, MIT Press., 1996.

BUCCI, Eugênio. **A Superindústria do Imaginário: Como o capital transformou o olhar em trabalho e se apropriou de tudo que é visível.** Belo Horizonte: Autêntica, 2021.

CASTELLS, Manuel. **Ruptura: a crise da democracia liberal.** Rio de Janeiro: Zahar, 2018.

ROIZ, D. S.; GOMES, G. F.; SANTANA, I. J. (Org.). **A (pós-) Verdade em uma Época de Mutações Civilizacionais.** Serra/ES: Editora Mil Fontes, 2018.

FERREIRA, A. R. **Como instaurar um bom clima escolar em regiões vulneráveis,** Gestão Escolar, 2019. <https://gestaoescolar.org.br/conteudo/2145/como-instaurar-um-bom-clima-escolar-em-regioes-vulneraveis> Acessado em 11 de setembro de 2022.

HAN, Byung Chul. **A Sociedade do Cansaço.** Petrópolis/RJ: Vozes, 2007.

LOURENÇO, Rosane Santicioli. **Depredação, rebeldia e resistência na escola 2005 Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Pedagogia)** - Universidade Estadual de Campinas, 2005.

HONNETH, Axel. **Luta por reconhecimento: a gramática moral dos conflitos sociais.** São Paulo: 34, 2003.

MBEMBE, Achille. **Crítica da Razão Negra.** São Paulo: EdiçõesN -1, 2018.

MBEMBE, Achille. **Brutalismo.** São Paulo: Edições N -1, 2021.

MOUFFE, Chantall. Democracia, cidadania e a questão do pluralismo. **Política & Sociedade**, 2003, pp.11-26 https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/3857997/mod_resource/content/1/chantal%20mouffe_democracia%2C%20cidadania%20e%20pluralismo.pdf Acessado em 11 de setembro de 2022.

OLIVEIRA, Thainá A., *et. Al.* **MAPA DA VIOLÊNCIA DE CAMPINAS - Diagnóstico Socioterritorial,** Fundação Feac, 2019. <https://www.feac.org.br/wp-content/uploads/2019/12/DIAGNOSTICO-socioterritorial-fundacao-feac.pdf> Acessado 11 de Setembro de 2022.

QUIJANO, Aníbal. **Revista semestral del Departamento de Estudios Ibéricos y Latinoamericanos de la Universidad de Guadalajara,** Año 3, número 5, julio-diciembre 2011, pp. 1-33 <http://contexlatin.cucsh.udg.mx/index.php/CL/article/view/2836/7460>

REY, Beatriz. Qualidade Negociada, **Revista Ensino Superior,** 2011. <https://revistaensinosuperior.com.br/qualidade-negociada/> Acessado em 11 de setembro de 2022.

SANTOS, Milton. **Por uma outra globalização: do pensamento único à consciência universal.** 10. ed. Rio de Janeiro: Record, 2003.

SAVIANI, Dermeval. **Escola e Democracia**. 43^a. ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2018.

SEMIS, Laís. Aluno que briga e quebra carteira tem que ser punido? **Gestão Escolar**, 2018 [https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1980/aluno-que-briga-e-quebra-carreira-tem-que-ser-punido-ou-responsabilizado#:~:text=%E2%80%9CEle%20precisa%20reparar%20o%20que,rec%3%ADproca%2C%20relacionada%20ao%20fato%20gerador](https://gestaoescolar.org.br/conteudo/1980/aluno-que-briga-e-quebra-carreira-tem-que-ser-punido-ou-responsabilizado#:~:text=%E2%80%9CEle%20precisa%20reparar%20o%20que,rec%3%ADproca%2C%20relacionada%20ao%20fato%20gerador.). 23 de Abril de 2018 Acessado em 11 de setembro de 2022.

SOUZA, Jessé. **A ralé brasileira: quem é e como vive**. Belo Horizonte: Editora da UFMG, 2009.

VINHA, Telma Pileggi *et al.* **O clima escolar na perspectiva dos alunos de escolas públicas**. Rev. Educ. e Cult. Contemp. [online]. 2018, vol.15, n.40, pp.163-186. http://educa.fcc.org.br/scielo.php?script=sci_abstract&pid=S2238-12792018000300163&lng=en&nrm=iso&tlng=pt Acessado em 11 de setembro de 2022.

ZUBOFF, Shoshana. **A era do capitalismo de vigilância: a luta por um futuro humano na nova fronteira do poder**. tradução George Schlesinger. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Intrínseca, 2020.

Artigos de Jornais:

Para salvar a fauna use o cérebro. **Correio Popular**, 20 de julho de 2009

Força Tarefa torna escola nota 10. **Correio Popular**, 29 de agosto de 2007

(Equipe de Ourinhos vence o Grande Desafio e dá nome a novo asteróide). **Diário Oficial Poder Executivo**, Seção I, 19 de junho de 2007.

